

LITERATURA INFANTIL: PROPOSTA DE FORMAÇÃO¹

Flávia Brocchetto Ramos *

Athany Gutierrez **

Morgana Kich ***

Resumo

A literatura é uma arte potencializadora da imaginação, da criatividade e do conhecimento humano. As obras literárias de valor têm um amplo referencial polissêmico a oferecer ao leitor; nessa direção, o professor-mediador deveria atuar de modo a evidenciar essas possibilidades do texto, que podem ser concretizadas por quem o lê. O presente estudo, originário de pesquisas realizadas no PPGEd/UCS, analisa Maria Mole, de André Neves, obra de literatura infantil pertencente ao acervo do PNBE/2008, a partir de pressupostos de Gadamer (1997), Hausser (1973) e Jauss (1994). Trata-se de uma amostragem de texto artístico que representa a vida humana e possibilita a experiência pela leitura da palavra e da visualidade.

* Universidade de Caxias do Sul

** Universidade de Caxias do Sul

*** Universidade de Caxias do Sul

Palavras-chave: Educação, literatura infantil, emancipação.

...a linguagem se apossa da realidade não petrificando-a, mas reconstruindo-a por via imaginativa... (MANGUEL)

Introdução

A educação é um direito garantido a todo cidadão pela Constituição Brasileira, a fim de que ele possa ter condições dignas de sobrevivência e exercer sua cidadania. Diante do panorama atual da educação no Brasil (pouca qualificação dos docentes, altos índices de analfabetismo, estruturas físicas precárias, baixos salários, etc.), questionamos como esse direito está sendo posto em prática, ou seja, quais caminhos estão sendo oferecidos aos estudantes na escola, que contribuam efetivamente para sua educação com

bases sólidas e humanitárias. A noção de direito assim exposta não se restringe apenas a algo que pode ser reclamado, mas às formas de acesso aos objetos, indivíduos e fenômenos que são oportunizadas aos estudantes pelas práticas escolares.

Os direitos humanos, contudo, não se restringem àqueles definidos pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, publicada em 10 de dezembro de 1948 pela Assembleia Geral das Nações Unidas. Antonio Candido (1995, p. 23) atribui à literatura o estatuto de bem de sobrevivência e a função de educar para a não alienação do sujeito. Nesse

1 A pesquisa é desenvolvida na Universidade de Caxias do Sul (UCS) e recebeu apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), através do Edital MCT/CNPq/MEC/CAPES nº 02/2010 - Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas.





sentido, argumenta que a literatura é um direito humano, pois o indivíduo também precisa de alimento intelectual, que desenvolva sua inteligência e personalidade, a fim de garantir sua integridade psíquica e espiritual. A leitura literária emerge como fonte da experiência, já que oferece ao leitor formas de vivenciar o texto artístico e de recriar a manifestação humana em diferentes épocas.

Assumindo sua condição estética, a obra literária pode exercer um papel formador à educação. Além de elemento potencializador da imaginação, a literatura é um instrumento subjetivo que atua profundamente nos indivíduos, já que lhes oportuniza a interação com material humano pelo livro. O prazer estético, atingido via experimentação literária, busca também a constituição do sujeito enquanto ser autônomo, com vistas a atuar em sua sociedade de modo igualitário e a lutar contra a “desbarbarização” do ser humano (ADORNO, 1995, p. 16). A leitura da literatura poderia contribuir para a melhoria dos resultados atingidos por estudantes brasileiros em avaliações nacionais de língua portuguesa (SAEB² e PISA³), que denunciam a carência de propostas metodológicas de leitura na escola, promotoras do letramento do estudante e da sua inserção como cidadão na sociedade. E mais, porque o simbolismo presente no texto literário pode contribuir para o conhecimento de si e do seu entorno.

Nesse sentido, esse estudo, proveniente de pesquisas que estão sendo realizadas sobre a leitura literária

na escola, inseridas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGE/UCS), tem o objetivo de pontuar a necessidade da arte na formação da sensibilidade e do pensamento do ser humano. Essa assertiva é fundamentada em posições de Adorno (1995, 1970), que adota a arte como elemento-chave para uma educação voltada à emancipação dos sujeitos.

Sendo assim, organizamos este artigo em 3 partes, apresentadas sequencialmente. Na primeira seção, é construído o referencial teórico para situar a literatura como uma representação artística, essencialmente necessária para a formação humana. Nessa perspectiva, o texto literário, ao ser escolarizado adequadamente e visando aos objetivos que se propõe, possibilita a elevação do pensamento e a mobilidade estética que atuam nos processos de desenvolvimento do sujeito. Na segunda parte do estudo, são discutidos o lugar e o papel da leitura literária no espaço escolar. Em seguida, na terceira seção, analisa-se a obra *Maria Mole*, integrante do acervo do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE)⁴, como uma amostra literária esteticamente construída. O objetivo principal do PNBE é “contribuir para a reflexão de gestores e professores no que diz respeito às práticas de leitura que se desenvolvem na escola, à formação do professor e à situação do espaço físico necessário para a implantação da biblioteca escolar” (BRASIL, 2008, p. 7). Desse modo, percebe-se que a relevância do Programa

2 Médias de proficiência em Língua Portuguesa da 3ª série do E. M.: 290,0 (1,9) 283,9 (2,1) 266,6 (1,5) 262,3 (1,4) 266,7 (1,3) 257,6 (1,6) -9,1, nos anos de 1995 a 2005, da esquerda para a direita, respectivamente. Disponível em: http://www.inep.gov.br/download/saeb/2005/SAEB1995_2005.pdf, acesso em 09 set. 2010.

3 Disponível em: <http://www.vivaleitura.com.br/pnll2/justificativa.asp>, acesso em 09 set. 2010.

4 A primeira edição do Programa foi instituída em 1997 pelo Governo Federal, e, até hoje, conta com a distribuição de acervos às bibliotecas públicas de todo o país. Inicialmente, vinha atendendo apenas estudantes de Ensino Fundamental, mas, a partir de 2007, o público de Ensino Médio também passou a ser contemplado. A instituição do PNBE justifica-se, principalmente, pelo baixo nível de letramento resultante de avaliações do PISA e SAEB, cujos eixos de seu funcionamento estão baseados na qualificação de recursos humanos e ampliação do acesso a materiais de leitura (BRASIL, 2008, p. 5).



não se limita apenas à distribuição de livros, mas à promoção de espaços para o desenvolvimento de práticas leitoras e formação qualificada de mediadores. Contudo, talvez faltem iniciativas comprometidas com uma formação educacional com fins civilizatórios, decorrentes da própria desqualificação do professor no manuseio desses materiais. Em síntese, o artigo, a partir de uma obra do referido acervo, tece algumas considerações sobre questões atinentes à arte e à literatura, levando o debate a comunidades interessadas no tratamento artístico da literatura na escola.

A obra literária como construto artístico

A democratização da leitura no século XIX constitui-se como um fenômeno duplo: ao passo que popularizou o acesso a obras literárias, foi também responsável por uma cisão: a literatura de massa, conjunto de obras pouco preocupadas com a qualidade de seus escritos, mas amplamente difundidas, e a literatura clássica, acervo esteticamente elaborado, porém acessível em menor escala (ZILBERMAN, 1991, p. 37).

Essa divisão pode ser responsável pela rara presença do texto artístico na sala de aula. Reportamo-nos à escola para traçar esse perfil já que ela institui-se como a agência educativa principal dos estudantes, local eleito para que os saberes se criem e se transformem formalmente. Extinguindo a obra literária da escola, ou apresentando propostas metodológicas inadequadas à sua abordagem, o professor está restringindo do aluno o seu direito de experimentação do belo e de repensar sua própria constituição humana, necessária para sua emancipação enquanto sujeito.

Para Adorno (1970, p. 19), a arte é a antítese social da sociedade, é a representação do homem e de suas circunstâncias. Justamente por retratar o humano e seu entorno e por transfigurar a realidade literal, a arte constitui-se como

uma necessidade universal de sobrevivência, possibilitando aos indivíduos a vivência dialética de suas problemáticas rotineiras, exigindo deles capacidade de raciocínio na busca de soluções. A obra literária enquanto produto artístico desestabiliza as bases do sujeito, causa-lhe estranhamentos, já que o provoca a refletir sobre sua vida a todo instante. A esse respeito e retomando o fenômeno da cultura de massa e a relevância da leitura da arte, Adorno (1970, p. 28) afirma que

os ingênuos da indústria cultural, ávidos de suas mercadorias, situam-se aquém da arte; eis porque percebem a sua inadequação ao processo de vida social actual – mas não a falsidade deste – muito mais claramente do que aqueles que ainda se recordam do que era outrora uma obra de arte. (...) A diferença humilhante entre a arte e a vida que eles vivem e na qual não querem ser perturbados, porque já não suportariam o desgosto, tem de desaparecer.

O texto literário, concebido como uma produção cultural-artística, tem o belo como seu princípio elementar. A ideia de beleza evoca algo de efêmero, mas altamente desafiador ao pensamento dos indivíduos. A obra de arte, assim, não é um ente, mas sempre um devir. A vida que o leitor lhe atribui é fundamental para que ela se constitua como um objeto artístico, passível de experimentação e de fruição. Conforme Adorno (1970, p. 101), a autoridade da obra artística reside nessa obrigação à reflexão, de modo que as obras poderiam o não-ente para o existente pela linguagem.

O componente estético, percebido em obras de qualidade artística, é a mola propulsora de experiências profundas, que atingem a vida do leitor e lhe causam inquietações, conduzindo-o ao desenvolvimento de novas formas de pensar e de experienciar o mundo. Devido a essa possibilidade de experimentação, as funções da literatura traduzem-se num





movimento cíclico, de revitalização e de atualização. Ela (a literatura) não necessariamente ensina algo novo, mas pode ajudar o leitor a perceber que o que ele conhecia já era primeiramente sabido pela obra, em outra época; o faz perceber o caráter universal do texto e a transposição passível de ser feita de uma época à outra. Por trabalhar no nível da experiência, o texto ficcional ‘prepara’ o indivíduo para vivê-la futuramente, e não esgota a possibilidade de ser relido.

O literário na escola

A necessidade do texto literário na escola justifica-se não apenas pelo fato de ele desenvolver a sensibilidade ou difundir conhecimentos, mas principalmente porque a sua matéria-prima é o ser humano e suas ações. Seguindo tais pressupostos, é necessária a emergência de um professor leitor, que organize práticas voltadas à recepção do texto pelo estudante (e não o contrário) e suas expectativas, sem privá-lo do direito de ler e experimentar o texto. Sobre a relevância da arte na constituição humana, Gadamer (1997, p. 169) questiona:

será que não deve haver nenhum conhecimento na arte? Não há na experiência da arte, uma reivindicação à verdade, que sendo certamente diversa da ciência, certamente não lhe será inferior? E será que não reside a tarefa da estética, justamente em fundamentar que a experiência da arte é uma forma de conhecimento dos sentidos, que transmite à ciência os últimos dados, a partir dos quais põe-se a construir o conhecimento da natureza, certamente também diferente de todo conhecimento estético da razão e, aliás, de todo o conhecimento conceitual, mas que é, contudo, conhecimento, ou seja, transmissão da verdade?

Dar espaço à leitura é dar espaço ao pensamento. Além dos benefícios cognitivos, a leitura é responsável pela difusão da cultura do pensar, que desenvolve o controle da impulsividade e aumenta a capacidade de reflexão e

juízo do indivíduo. Por sua vez, o hábito de pensar é gerador de uma aprendizagem mais significativa, profunda e duradoura.

Vista sob esses ângulos, a leitura pode ajudar o estudante a conhecer à sua própria vida, além de lhe oferecer uma atividade de prazer. Essa base teórica acolhe anseios dos leitores e provoca o “distanciamento estético” no momento da leitura. Jauss explica a expressão “distanciamento estético” como a distância entre o horizonte de expectativa do leitor e da obra, “entre o já conhecido da experiência estética anterior e a mudança de horizonte exigida pela acolhida à nova obra” (1994, p. 31). Esse distanciamento determina o caráter artístico da obra literária. Segundo o autor, quanto maior esse distanciamento, maior a qualidade artística do texto e, conseqüentemente, da experiência artística.

O PNBE tem se preocupado com o acesso dos estudantes a obras artísticas. Por meio da distribuição de acervos de textos literários, de pesquisa e de referência, o Programa apoia o cidadão no exercício da reflexão, da criatividade e da crítica. No ano de 2000, privilegiou a distribuição de produções destinadas à formação de docentes às instituições escolares das séries iniciais (1ª a 4ª) do Ensino Fundamental de 8 anos. Entre 2001 e 2004, foi definida uma nova modalidade de atendimento – Literatura em Minha Casa e Palavras da Gente –, focalizando a distribuição de coleções de literatura diretamente aos estudantes de determinadas séries, para utilização individual. As bibliotecas de escolas, que ofereciam essas séries igualmente receberam os acervos para serem agregados ao material de que dispunham. Nesse momento, a literatura infantil deixou de ser apenas voltada para a biblioteca, tornando possível o acesso desses estudantes e de suas famílias a produções representativas da área, a fim de lhes proporcionar uma instrutiva atividade de lazer, que pode ser ampliada além do ambiente escolar. Houve muitas críticas a essa modalidade do Programa, em especial



devido à simplificação dessas edições, uma vez que foi alterada a proposta visual dos exemplares, através de impressão em preto e branco e da alteração no formato, encadernação e tipo de papel.

A partir de 2005, a Secretaria de Educação Básica (SEB/MEC) retomou o foco de ação no atendimento aos alunos nas escolas, por meio da ampliação de acervos das bibliotecas escolares. Desse modo, houve uma valorização desse espaço como um ambiente que torna possível ao estudante o contato com um patrimônio da humanidade, no qual está inserida a literatura, de modo que se invista na qualidade do material oferecido ao leitor. A partir dessa política, as séries iniciais do Ensino Fundamental foram beneficiadas, e as coleções – compostas por obras de diferentes gêneros e tipos de texto, além de material em Libras – escolhidas pelas escolas, via *internet*. Em 2006, os acervos destinaram-se às séries finais do Ensino Fundamental, contendo títulos de literatura de variados gêneros e, em 2007, houve atendimento aos alunos do Ensino Médio.

O PNBE vem aperfeiçoando a cada ano a distribuição das obras literárias. A composição dos acervos é prevista no Edital. No ano de 2008, para a Educação Infantil, são organizados três acervos distintos, com 20 títulos cada, totalizando 60 obras e para as séries/anos iniciais do Ensino Fundamental, 5 acervos distintos, com 20 títulos cada, num total de 100 obras. Foi prevista, portanto, a seleção de 160 obras.

Cada acervo deve ser formado por obras pertencentes a três categorias, assim explicitadas, conforme o Edital:

1. Textos em verso – poemas, quadras, parlendas, cantigas, trava-línguas, adivinhas;
2. Textos em prosa – pequenas histórias, novelas, contos, crônicas, textos de dramaturgia, memórias, biografias;
3. Livros de imagens e livros de histórias em quadrinhos, dentre os quais se incluem obras clássicas da literatura universal artisticamente

adaptadas ao público da educação infantil e das séries/anos iniciais do ensino fundamental. (BRASL)

A preocupação com a qualidade dos títulos é expressa pelo Edital, o qual prevê que “todas as características do projeto gráfico e editorial devem ser mantidas caso a obra seja selecionada” (p. 4). *Maria Mole* (Fig. 1), a obra a ser analisada aqui, pertence ao PNBE 2008 e foi um dos títulos mais citados por estudantes em pesquisa com estudantes de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental. O título, destinado à criança, é uma amostragem artístico-literária, um construto artístico voltado ao público infantil, já que trabalha com a imaginação e oportuniza a experiência estética a partir de elementos visuais, cores, formas e figuras, além da proposta verbal.

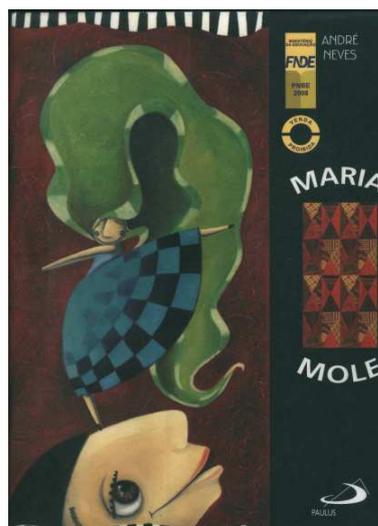


Fig. 1 - Capa do livro.

Maria Mole: uma experiência estética

Maria Mole, de André Neves, é o sétimo livro de sua inteira autoria e faz parte do Acervo 4, do Programa Nacional Biblioteca da Escola/2008. A obra já foi agraciada pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil com o prêmio Luís Jardim (melhor livro de imagem) e possui menções de “Altamente Recomendável”. Neste texto, serão apresentados alguns aspectos do título, considerando seu cunho artístico.





O livro conta a história de Maria, uma menina com olhos tristes e que tem muito medo de se mostrar diferente perante os outros. Em sua imaginação, cria *Maria Mole*, que aparece para ajudá-la a perder o medo de expressar seus desejos e sentimentos. A personagem cria estratégias para resolver seus conflitos, não esperando que a “fada” apareça para resolvê-los.



Fig. 2 – recorte da ilustração da p. 8.



Fig. 3 – recorte da ilustração da p. 30.

No início da história, Maria é apresentada como sendo uma menina de aparência deprimida: “Maria era assim. Não Maria Mole, outra Maria. Uma Maria menina com olhos tristes de tanto chorar esse choro que pouquíssimas pessoas sabem escutar” (NEVES, 2002, p. 8). A ilustração que acompanha o texto escrito também revela a fisionomia abatida da personagem, conforme a Figura 2. No decorrer do texto, a menina Maria sai construindo sua autonomia: “E como Maria Mole de mole não tem nada, sentiu aquele sentimento confuso e saiu atrás da menina flutuando no vento como perfume de flor” (NEVES, 2002, p. 8). Finalmente, Maria aceita-se como é, não tendo mais aquele medo de mostrar-se

diferente: “A menina então abriu os braços para não segurar suas vontades e deixou o vento soprar para fora aquele medo miudinho, que foi sumindo, sumindo, sumindo...” (NEVES, 2002, p. 29). A imagem que acompanha o texto (Fig. 3) demonstra a transformação da personagem, que era triste no início e, no final, aparece radiante de felicidade por ter conseguido resolver seu conflito e assumir sua identidade:

Ao apresentar *Maria*, o narrador valoriza seu estado psicológico e não o físico, desafiando o leitor a construir a personalidade de *Maria*, tornando-o ativo ao acompanhar a história. Além disso, a personagem é pouco descrita verbalmente, não explicita como ela é fisicamente, permitindo ao leitor arquitetar a partir das entrelinhas como a personagem se constitui: “Maria Mole é mole de sentimento. Não é doce nem salgada, nem fria nem quente. Maria é apenas diferente. Diferente porque permite que suas emoções sejam livres...” (NEVES, 2002, p. 6). Assim, em relação à constituição da personagem, o texto mobiliza o interlocutor, já que apresenta a menina de forma emancipatória, tanto através das palavras quanto das ilustrações.

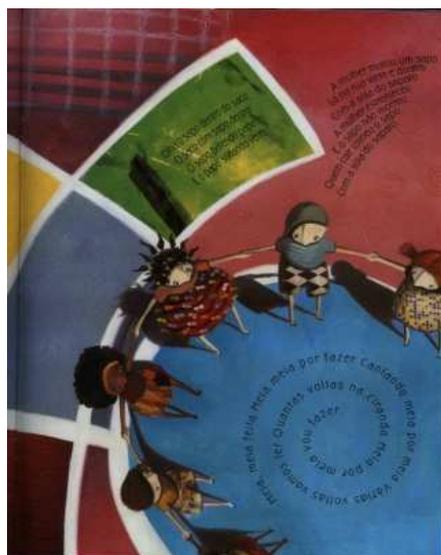


Fig 4 – harmonia entre palavra e visualidade. (p. 25)



Hauser (1973, p. 407) afirma que “a obra de arte é simultaneamente forma e conteúdo, afirmação e decepção, jogo e revelação, natural e artificial, intencional e sem finalidade, dentro e fora da história, pessoal e supra-pessoal”. Nesse sentido, *Maria Mole* é uma obra de arte, ou melhor, uma obra de arte literária. A história *Maria Mole* contribui para a formação artística do leitor, uma vez que a linguagem verbal contém musicalidade, por meio de rimas e aliterações. Por exemplo, no trecho “[...] chegou bem de mansinho, fazendo carinho, cafuné, fez até cosquinha no dedão do pé pra alegrar e não assustar a menina” (NEVES, 2002, p. 12), a repetição de sons oclusivos da consoante /c/ remete à sensação de ação reiniciada constantemente.

No que tange à forma e ao conteúdo, ressalta-se que a forma como a obra se organiza contribui para a manifestação do conteúdo. Palavra, ilustrações, cores, diagramação (em que palavra e ilustração se complementam) se articulam no sentido de gerar um conteúdo para o título. Na Figura 4, as crianças brincam de roda e as palavras estão dispostas em forma circular, como se estivessem acompanhando a brincadeira delas. Na verdade, o texto, que está disposto no meio da ciranda das crianças, é a letra de uma cantiga de roda. Tal disposição textual permite ao leitor perceber a proposta de movimento circular sugerido pela palavra e pela visualidade, de modo que forma e conteúdo se unem para potencializar uma proposta de sentido. O leitor é convidado a entrar na brincadeira, uma vez que ao ler repete com os olhos o movimento da brincadeira, como se estivesse também participando da ação realizada pelas personagens ilustradas.

A palavra reitera o tema da brincadeira de roda, já que fala do movimento da ciranda, mesmo que a escrita esteja na forma de prosa: “Meia, meia feita Meia meia por fazer Cantando meia por meia Várias voltas vamos ter

Quantas voltas na ciranda Meia por meia vou fazer” (NEVES, 2002, p. 25).

Na mesma página do livro (Fig. 4), no canto direito, há a letra de outra cantiga, como se as palavras estivessem saindo do meio da roda das crianças, de uma caixa de diálogo, sendo cantada por elas: “A mulher matou um sapo / Lá na rua vinte e quatro / Com a sola do sapato / A mulher estremeceu / E o sapo não morreu / Quem cair comeu o sapo / Com a sola do sapato” (NEVES, 2002, p. 25).

O caráter artístico dessa obra vai se configurando pela forma do texto verbal e do visual mas também pelo produto que essa interação gera. Aspectos como a forma, o material e o conteúdo, assim como define Freitas (2003, p. 37), ao esclarecer aspectos da teoria de Adorno, são uma das dificuldades para se definir o que seja a forma estética é o fato de que ela parece congrega simplesmente tudo o que há de artístico na obra. É como se tudo aquilo que falássemos sobre a forma dissesse respeito à arte como um todo, pois mesmo quem define a arte através de uma mensagem a ser passada por ela não pode ignorar o fato de que o modo como ela o faz é substancialmente diferente do que não é artístico.

A obra de André Neves possui essa forma artística. Já no início da história, apresenta rimas e jogo de palavras, não se preocupando apenas com as ilustrações: “*Maria Mole* é mole de sentimento. Não é doce nem salgada, nem fria nem quente. *Maria Mole* é apenas diferente”. E assim segue durante vários trechos da história, eis um deles: “*Maria Mole* é molenga / Se é molenga / Não é mole. / É coisa molemente / Nem cala, nem amola / Nem *Maria*, nem mole.” (p. 29)

A história do livro, que trata da menina *Maria* que tem medo, “que nem mesmo é medo, é covardia, de não aceitar que cada um possa ser o que quiser, mesmo que seja diferente” (NEVES, 2002, p. 10) e que, no decorrer dos acontecimentos, vai descobrindo que





esse medo de ser ela mesma pode ir sumindo, através da descoberta da coragem, que vem de sua imaginação, pode fazer o leitor refletir, se identificar e até mesmo se questionar sobre tal assunto; como por exemplo, quem nunca teve esse sentimento de *Maria Mole*? Quem nunca teve medo de se sentir, de se mostrar diferente perante os outros? Perissé (2009, p. 28) afirma que

há algo (ou muito?) de imorredouro na arte. Muito mais do que uma diversão, um passatempo, a arte é função essencial do indivíduo humano e da sociedade, bem como sinal dos nossos inconformismos mais profundos... Na arte, queremos nos compreender e nos perpetuar de algum modo. Queremos compreender um pouco melhor o que nos rodeia.

Assim, a arte é uma forma de conhecimento. A obra de arte é capaz de revelar o mundo, os costumes, a história. Por exemplo, no livro *Maria Mole*, entre outras possibilidades de sentido, é demonstrado, através da imaginação da personagem, que o ser humano pode ter força de se descobrir, de ser o que realmente é frente a outras pessoas.

Dentre outros aspectos consideráveis em relação à obra, há também a escolha da letra, que é acessível para o leitor: não é uma letra pequena e quando há folhas claras, a escrita é feita na cor preta; quando há folhas escuras, as letras são brancas, recurso que além de visibilidade, sugere movimento ao enredo. A textura das folhas não são finas, são lisas e fáceis de manusear e o tamanho do livro é de 21cm x 27,5 cm, não é um livro pequeno nem muito grande, ou seja, é um objeto de fácil manuseio para o leitor iniciante - público-alvo da obra.

As cores do livro são fortes, chamando, dessa forma a atenção do leitor, além de apresentar imagens

grandes, a maioria do tamanho da página. Sabe-se que um dos critérios das crianças para a escolha de livros – tanto quando vão à biblioteca como até mesmo quando compram – são as ilustrações, deixando o texto escrito em segundo plano.

Em geral, pode-se considerar o livro *Maria Mole*, de André Neves, uma obra de arte literária, por apresentar aspectos relevantes no campo visual e verbal. Então, por que não priorizar a leitura deste livro, que é constituinte de muitas bibliotecas brasileiras? Há materiais de qualidade estético-literária nas escolas; agora, é tarefa de professores-mediadores de leitura a promoção de estratégias de abordagem dos textos literários condizentes com os anseios dos estudantes. Cabe ao docente autorizar a leitura polissêmica, inerente à literatura, de modo a oportunizar a emancipação e a autonomia do estudante através da leitura, além de deflagrar o gosto e a formação inicial de hábitos de leitura.

Apontamentos finais

O universo de livros produzidos para a infância na atualidade é vasto. Porém, poucos são aqueles que podem ser classificados como literários, pois estes precisam conter valor artístico revelado pela proposta polissêmica que contribui para a discussão da essência do ser humano, reavaliação de valores pré-estabelecidos, experimentação de outras vidas, levantamento de hipóteses e resolução de problemas, entre outras questões presentes na literatura e inerentes à condição humana.

Ler a obra literária é uma forma de experimentar e porque não de viver a vida pela ficção. Entrar em contato com as questões postas na Literatura é um direito da criança, do jovem, do adulto ou do velho. É, pois, um direito humano. Esse direito do aluno é visto como um dever a ser



implementado nas escolas pelos professores, já que os benefícios de se trabalhar adequadamente com textos literários ultrapassam os limites cognitivos apregoados pela escolarização do conhecimento. A literatura quer contribuir para a formação não apenas de estudantes, mas, sobretudo, de sujeitos civilizados.

O ensino da arte-educação, através de livros de literatura que podem

ser avaliados com valor estético, é fundamental na vida escolar do aluno, já que a arte educa como desencadeadora de autoconhecimento e de amadurecimento pessoal. Enfim, pode-se considerar *Maria Mole* um exemplo de obra artística a estar presentes nas salas de aula e nas bibliotecas públicas de nosso país, em virtude das suas qualidades.

CHILDREN'S LITERATURE: PROPOSAL ON EDUCATION

ABSTRACT

Literature is a potential art of imagination, creativity and human knowledge. The valuable literary books have a broad polysemic reference to be offered to the reader; accordingly, the mediator teacher should act in a way to emphasize these possibilities within the text, which can be implemented by the one who reads. The present study, which originates from researches done at the PPGE/UCS, analyses *Maria Mole*, by André Neves, a children's literature book, belonging to the collection of PNBE/2008 and based on the assumptions of Gadamer (1997), Hauser (1973) and Jauss (1994). It is about a sample of an artistic text representing human life and enabling the experience through the word and visuality.

Keywords: Education. Children's literature. Emancipation.

Artigo submetido para publicação em: 19/09/2011

Aceito em: 18/11/2011

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. (1970) **Teoria estética**. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1995) **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra.

BRASIL. (2008) Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE):** leitura e bibliotecas nas escolas públicas brasileiras/ Secretaria de Educação Básica, Coordenação-Geral de Materiais Didáticos; elaboração Andréa Berenblum e Jane Paiva. Brasília: Ministério da Educação.

CANDIDO, Antonio. (1995) **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades.

FREITAS, Verlaïne. (2003) **Adorno e a arte contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.





GADAMER, Hans-Georg. (1997) **Verdade e método**. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Rio de Janeiro: Vozes.

HAUSER, Arnold. (1973) **Teorias da arte**. Porto: Editorial Presença.

JAUSS, Hans Robert. (1994) **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática.

NEVES, André. (2002) **Maria Mole**. São Paulo: Paulus.

PERISSÉ, Gabriel. (2009) **Estética e educação**. Belo Horizonte: Autêntica.

ZILBERMAN, Regina. (1991) **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto.